

China: A face da moeda em jogo na nova liderança

por Alberto Forchielli*



No percurso do Renminbi em direção à internacionalização existe o perigo de se encontrar numa estrada sem saída. Ambas as razões, puramente económicas tais como as sócio-culturais, correm o risco de acabar num trilho morto, se o contingente político não acionar as alterações que indicam a direção mais apropriada. Esta prevalência da política é diluída na Europa, mas sempre presente em Washington e Pequim, onde se exerce tal poder de endereço e controle que ainda representa a autoridade do estado sobre os mercados. Em particular, a China mantém um rigor peculiar, uma capacidade para apertar ou afrouxar as rédeas sobre a economia. Ironicamente, numa arena globalizada, a China demonstra eficácia na intervenção do estado nacional.

Assim, se os principais obstáculos são políticos, só naquela vertente pode encontrar origem a internacionalização do Rmb. Não existe de fato uma política monetária independente, uma banca central autónoma, uma significativa liberdade de capital. Longe estão os tempos dos preços administrados, mas ainda não são maduros numa flutuação da moeda segundo a lógica do mercado. O curso do Rmb é agora mais elástico e o seu valor aumentou drasticamente em relação ao dólar. As exigências americanas - na presença de uma balança comercial da China longe de seus ativos em anos anteriores - parecem mais confiadas à campanha eleitoral do que a uma avaliação económica. No entanto a desconfiança relativamente ao Rmb prevalece. Não é o seu valor a manter acautelados os mercados, como os mecanismos que levam a definir esses valores. A questão que se põe é se a China é capaz de gerir uma situação igualmente nova e complexa. E este é o nó que a nova liderança terá de dissolver. É verosímil que um líder investido pelas diferentes almas do Pcc seja inicialmente débil. Provavelmente no início terá de continuar a mediar, mas depois terá a responsabilidade para tomar decisões sérias. A China não pode continuar a capitalizar sobre a sua força sem ser respeitada, não só ser temida. Para o fazer deve abrir o seu mercado e também sobretudo o dos capitais. A internacionalização representa uma referência que não pode ser adiada. Por outro lado, expor a China ao vento dos mercados financeiros poderia arranjar-lhe uma doença grave.

O país não está habituado ao liberalismo, ao jogo entre a demanda e a oferta, sobretudo não está inclinado a ceder o controle. Para Pequim é incompreensível o que está a acontecer em estados europeus que perdem a sua soberania para as decisões tomadas longe do seu capital. Ao temor da instabilidade, acrescenta-se o já forte nacionalismo económico. Numa espécie de instinto primitivo de sobrevivência, exige-se que o valor e o destino do Renminbi deve ser da absoluta competência de Pequim, mesmo mínimamente deixada a ingerência estrangeira. Nesta encruzilhada decide-se o destino da moeda chinesa. Se a liderança aceitar o desafio, teremos uma globalização mais equilibrada e orgânica, mas se prevalecer a prudência, vai querer dizer que a China ainda não está pronta para o campo internacional e continuará basear-se no seu modelo quantitativo.

